

Beatriz Dornelles

Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Comunicação Social (Famecos), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Keila Mara Dos Reis

Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS

**Do espelho às ondas do rádio:
a força da comunidade pela
*folkcomunicação***

**From the mirror to the radio
waves: the strength of the
community through
*folk Communication***

**Desde el espejo hasta las
ondas de la radio: la fuerza
de la comunidad a través de
la *Folk Comunicación***

RESUMO

A preservação da identidade e o acesso à cidadania requerem, permanentemente, espaços participativos de comunicação, onde os sujeitos se tornem agentes ativos na troca de informações, ideias e opiniões. Para tanto, a *folkcomunicação* ainda é o caminho para a livre expressão a grupos marginalizados, especialmente às populações que vivem na zona rural. Nesse caso, apresenta-se a rádio comunitária *Terra Livre FM*, criada e mantida por assentados da reforma agrária do interior de Hulha Negra (RS). Na esteira da teoria de Luiz Beltrão, ilustrada por pesquisa exploratória e levantamento de campo, observa-se a auto-organização e a consolidação dessas comunidades por meio de seu principal meio de interação e diálogo entre si e com a sociedade em geral.

Palavras-chave: *Folkcomunicação*; Comunicação comunitária; Movimentos sociais; Rádio.

ABSTRACT

Identity preservation and access to citizenship require the establishment of permanent participatory communication spaces where subjects become active agents in the exchange of information, ideas and opinions. Therefore, folk communication is still a path to the free expression of marginalized groups, especially among rural populations. In this study, we present the community radio station *Terra Livre FM*, created and maintained by beneficiaries of land reform from the countryside of Hulha Negra (RS, Brazil). Based on the theory of Luiz Beltrão, illustrated by exploratory research and field survey, we analyze the self-organization and consolidation of these communities through the primary means of interaction and dialogue they use among themselves and with society in general.

Keys-words: Folk communication; Community communication; Social movements; Radio.

RESUMEN

La preservación de la identidad y el acceso a la ciudadanía requieren, de forma permanente, espacios de comunicación participativos donde los sujetos se conviertan en agentes activos en el intercambio de información, ideas y opiniones. Por lo tanto, la *folk comunicación* sigue siendo el camino a la libre expresión de los grupos marginalizados, especialmente de las personas que viven en el campo. En este caso se muestra la radio comunitaria *Terra Livre FM*, creada y mantenida por los beneficiarios de la reforma agraria desde el interior de *Hulha Negra (RS)*. De acuerdo con la teoría de Luiz Beltrão, ilustrada por la investigación exploratoria y estudio de campo, se observa la auto organización y la consolidación de estas comunidades a través de su principal medio de interacción y diálogo entre ellas mismas y la sociedad en general.

Palabras clave: *Folk comunicación*; Comunicación comunitaria; Movimientos sociales; Radio.

Submissão: 23-5-2016

Decisão editorial: 25-10-2016

Introdução

Os estudos em comunicação vêm acompanhando a evolução tecnológica da sociedade e se voltam, em boa parte, para a análise das chamadas “redes sociais”, das conexões digitais e das comunidades virtuais. A possibilidade de interação e a ampla oportunidade de informação via internet são inquestionáveis. Contudo, os cabos de fibra óptica, facilitadores do diálogo entre indivíduos “conectados”, não são os mesmos meios alternativos – e por que não, criativos – que ligam milhares de pessoas que vivem na zona rural deste país.

O fato de apenas 15,7% da população brasileira¹ residir fora das áreas urbanas não significa que esses cidadãos ficam à margem dos processos comunicacionais, ou mesmo, alheios às notícias do mundo globalizado. Ao contrário, nos rincões onde muitas vezes até o acesso à energia elétrica é precário, eles reinventam suas práticas e configuram, à sua maneira, verdadeiras “redes sociais” não digitalizadas. É no interior do Brasil continental que a *folkcomunicação* de Luiz Beltrão se torna cada vez mais atual.

¹ De acordo com o Censo 2010 do IBGE, 29.830.007 pessoas residiam no meio rural, enquanto 160.925.792 pessoas moravam na zona urbana. Dados disponíveis em: < <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=8> >.

Os “dois brasis”,² tão paradoxais como o pesquisador os identificava na década de 1960 – “o do litoral e dos centros altamente industrializados [...] e o da hinterlândia, mergulhado num quase isolacionismo” (BELTRÃO, 2001, p. 256) – ainda se apresentam no século XXI: de um lado, uma sociedade urbana com maior acessibilidade às mídias digitais (bem superior à de 1960, quando 38,9 milhões de pessoas moravam no campo, enquanto 32 milhões habitavam as cidades, segundo dados do IBGE); e de outro, comunidades rurais que, em sua maioria, continuam utilizando meios tradicionais de comunicação.

É no intuito, então, de investigar formas populares e folclóricas de comunicação existentes longe dos centros urbanos, que se faz aqui um estudo sobre a rádio comunitária Terra Livre FM, instalada na zona rural de Hulha Negra (RS). Sob os preceitos da primeira teoria brasileira da área da comunicação, observa-se a contemporaneidade da *folkcomunicação* na implementação desse canal de informação produzido para e por agricultores. A opção por esse caminho teórico deve-se ao fato de que ele permite explorar os processos de comunicação que desvendam a vitalidade da sociedade e os fenômenos culturais, levando em consideração a comunicação e os seres humanos em seus contextos sociais. De acordo com Hohlfeldt:

A folkcomunicação não é, pois, o estudo da cultura popular ou do folclore, é bom que se destaque com clareza. A folkcomunicação é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se

² Beltrão utiliza a expressão “dois brasis” cunhada pelo sociólogo francês Roger Bastide no livro “Brasil: Terra de Contrastes”, publicado no final dos anos 1950.

sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos. A folkcomunicação, portanto, é um campo extremamente complexo, interdisciplinar – necessariamente – que engloba em seu fazer saberes vários, às vezes até contraditórios, para atingir seus objetivos e dar conta de seu objeto de estudo (HOHLFELDT, 2002).

Assim, a revisão bibliográfica é ilustrada pela pesquisa exploratória e pelo levantamento de campo, realizados para apurar o histórico da rádio, sua produção e operação e o envolvimento da comunidade. Em um universo de dez entrevistas³ em profundidade e semiestruturadas, com questões abertas, foram contemplados: dois coordenadores da emissora; dois locutores (com idades variadas); dois participantes do grupo fundador; três ouvintes; e um usuário dos serviços.

O objetivo é compreender de que maneira esses homens e mulheres, jovens e crianças, adaptam-se aos tempos de informação instantânea em um ambiente ainda arcaico como o Brasil rural. Pretende-se conhecer suas estratégias de resistência às adversidades estruturais e sociais do campo e à mídia massiva, e as suas tentativas para “tornar comuns” os próprios anseios e experiências, em busca de maior participação na sociedade. A identificação dos “líderes de opinião”, dos agentes *folk* e de uma audiência emissora e receptora ao mesmo tempo, permite renomear suas ações artesanais e populares como *folkcomuni-*

³ Os nomes dos entrevistados foram omitidos por motivos éticos de preservação das fontes. No decorrer do artigo, eles serão identificados a partir da função que exercem na relação emissora-comunidade.

cação, reconhecendo o protagonismo dos sujeitos envolvidos no processo.

1. A teoria e a prática

O exercício da cidadania e a inclusão social concretizam-se mediante a comunicação, seja ela virtual, impressa ou oral. É através da expressão de ideias e do compartilhamento de conhecimentos que os indivíduos se organizam em comunidade. Contudo, o acesso aos meios de informação não é universal, nem tampouco igualitário, devido a interferências econômicas, políticas e/ou culturais inerentes à sociedade. Nesse intervalo simbólico, então, emana a *folkcomunicação*, oriunda das vivências e expectativas do povo.

A teoria consiste no “processo de intercâmbio de mensagens através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore e, entre as suas manifestações, algumas possuem caráter e conteúdo jornalístico, constituindo-se em veículos adequados à promoção de mudança social” (BELTRÃO, 2001, p. 73). As primeiras pesquisas do gênero, promovidas por Luiz Beltrão, privilegiaram as decodificações da cultura de massa feitas pelos veículos rudimentares, nos quais se abastecem simbolicamente os segmentos populares da sociedade.

Entretanto, as investigações não se limitaram aos fenômenos da recodificação popular de mensagens da cultura massiva. De acordo com Melo (2004), elas rastream os processos inversos, onde a indústria cultural também se apropria de bens da cultura popular. Por isso, ele enfatiza que a “*folkcomunicação* adquire cada vez mais importância pela sua natureza de instância mediadora entre a cultura de massa e a

cultura popular, protagonizando fluxos bidirecionais e sedimentando processos de hibridação simbólica" (MELO, 2004, p. 13).

Em uma sociedade composta de uma imensa variedade de grupos que vivem separados pela heterogeneidade e diversidade cultural, étnica, espacial e social, a comunicação, então, torna-se problema fundamental. Beltrão (2004) sublinha que:

os grupos acham-se, assim, vinculados a uma ordem semelhante de ideias e a um propósito comum: adquirir sabedoria e experiência para sobreviver e aperfeiçoar a espécie e a sociedade. Sabedoria e experiência, sobrevivência e aperfeiçoamento que só se consegue mediante a comunicação, o processo mínimo, verbal e gráfico pelo qual os seres humanos intercambiam sentimentos, informação e ideias. (BELTRÃO, 2004, p. 27-28).

Para se manterem unidos pela reforma agrária e se desenvolverem como comunidades rurais, assentados de Hulha Negra formaram a rádio comunitária Terra Livre FM, a qual foi ao ar pela primeira vez em 25 de outubro de 1996, em um programa experimental de 10 minutos. Durante algum tempo, chegou a ser improvisada dentro de uma caixa de água para ficar mais próxima à antena transmissora. Hoje, a emissora funciona – sem regulamentação legal – em um espaço adaptado na sede da Cooperativa Regional dos Agricultores Assentados Ltda. (Cooperal), situada no assentamento estadual Conquista da Fronteira. O projeto de reforma agrária foi o terceiro a ser implantado na região, na década de 1990, quando famílias oriundas do Norte gaúcho, organizadas em torno do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), começaram a ser alojadas ali pelo governo estadual.

Desde então, são em torno de 800 famílias⁴ de assentados em Hulha Negra.

Como o nome sugere, a Terra Livre inseriu-se no cenário de colonização do município essencialmente agrícola – dos 6.043 habitantes, 3.134 estão no campo e 2.909 na cidade⁵ – e de questões ideológicas de disputa por um pedaço de chão. Segundo relatos dos coordenadores e dos participantes da criação da rádio, a emissora surgiu da necessidade de comunicação entre os assentados, já que eles estavam distantes da principal cidade - Bagé, cerca de 60 quilômetros em estradas pouco trafegáveis, não possuíam outro meio de se comunicar e não “eram bem-vistos” pela sociedade local. O Coordenador 1 (2013) lembra que:

[...] a dificuldade que nós tínhamos de colocar um aviso na rádio [comercial], sempre que nós íamos já tinha aquela coisa de 'ah, é os assentados!' e aí tu tinha de pagar. Aqui na nossa região nós demoramos um bom tempo para poder ter uma imagem bonita para a sociedade. No começo a gente chegava na cidade e os donos de supermercado fechavam a porta porque 'eram os assentados' (COORDENADOR 1, 2013).

Evidenciam-se, assim, “os grupos rurais marginalizados” de Beltrão (1980), deixados de lado pela mídia convencional:

Os grupos rurais marginalizados são constituídos de habitantes de áreas isoladas (carentes de energia

⁴ Fonte: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – Superintendência Regional do RS (Incrá/RS).

⁵ Fonte: Censo Demográfico 2010 – IBGE. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=430965&idtema=1&search=rio-grande-do-sul|hulha-negra|censo-demografico-2010:-sinopse->>.

elétrica, vias de transporte eficientes e meios de comunicação industrializados), subinformados, desassistidos ou precariamente contatados pelas instituições propulsoras da evolução social e, em consequência, alheios às metas de desenvolvimento perseguidas pelas classes dirigentes do país (BELTRÃO, 1980, p. 41).

Além disso, as famílias do assentamento Conquista da Fronteira e dos outros 22 projetos semelhantes existentes em Hulha Negra também podem ser classificadas em “grupos culturalmente marginalizados” (BELTRÃO, 1980), pois, não apenas vivem no isolamento geográfico, como levantam a bandeira de um movimento pela reforma agrária, contestando princípios e estruturas sociais vigentes, que nem sempre têm espaço nos meios de comunicação tradicionais.

Entretanto, “os grupos rurais marginalizados, sem acesso aos meios de massa (seja como comunicadores, seja como receptores), dado as características do seu existir, nem por isso deixam de informar-se e manifestar sua opinião e/ou suas aspirações” (BELTRÃO, 1980, p. 42). Eles criam mecanismos próprios para vencer as barreiras geográficas, técnicas, econômicas e culturais. Valem-se de canais interpessoais, conversas informais, reuniões e encontros para se comunicarem entre si, por meio de mensagens e linguajar que lhes são peculiares a seu modo de vida. Portanto:

[...] a folkcomunicação preenche o hiato quando não o vazio, não só da informação jornalística como de todas as demais funções da comunicação: educação, promoção e diversão, refletindo o viver, o querer e o sonhar das massas populares excluídas por diversas razões e circunstâncias do processo civilizatório, e exprimindo-se em linguagem e códigos [...] (BELTRÃO, 1980, p. 26).

No caso dos assentamentos localizados na Campanha no Rio Grande do Sul, devido às grandes distâncias, o rádio foi o melhor caminho encontrado pelos agricultores para se manterem informados e unidos. A Terra Livre passou a ser o principal meio de comunicação, não somente entre os assentamentos de Hulha Negra, mas de toda a região (são 73 assentamentos, que concentram cerca de 2,5 mil famílias⁶). De acordo com os coordenadores, a emissora tem alcance de quase 60 quilômetros e é possível sintonizar a frequência 94.1 MHz em 56 projetos de reforma agrária de outros oito municípios: Aceguá, Pedras Altas, Piratini, Pinheiro Machado, Bagé, Candiota e em partes de Arroio Grande e Herval.

[...] na época nem celular existia e nós tínhamos esta dificuldade. Os meios de comunicação 'eram só' as rádios tradicionais, que davam muito mal parecer dos nossos assentados. 'Tu vinha' das reuniões de mobilização do Movimento e não tinha como fazer um roteiro para 56 assentamentos, então usava a rádio para se comunicar. Todo o processo de organização passava [e passa] pela rádio (COORDENADOR 2, 2013).

A rádio começou com um grupo de 30 assentados, ligados ao MST, que participaram de um curso de formação promovido pelo Movimento, a fim de agilizar a comunicação entre as comunidades, feita via carta (a Cooperal era a única a possuir uma caixa postal no centro de Hulha Negra) e, mais tarde, pelo único telefone (um celular via rádio) existente na localidade. A telefonista da Cooperativa anotava os recados e um mensageiro levava aos destinatá-

⁶ Fonte: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – Superintendência Regional do RS (Incra/RS).

rios. “Depois, marcava um horário e o interessado se deslocava a pé ou a cavalo até a Cooperal para ver do que se tratava” (FUNDADOR 1, 2013).

Dessas barreiras, então, florescia a necessidade de um meio de comunicação mais rápido, mais eficiente e de maior alcance. Os primeiros equipamentos amadores foram doados pelo MST e por organizações não-governamentais, possibilitando que o serviço de utilidade pública se ampliasse para uma rede difusora de notícias de interesse local para aquelas famílias que viviam mais de 30 quilômetros distantes de um centro urbano. Passaram a ser lidas informações (com dois a três dias de atraso) obtidas junto a jornais impressos emprestados, ou em material de divulgação do Movimento, e se abriu espaço para o entretenimento e para a programação musical, feita por meio de fitas cassetes emprestadas.

Um grupo de 15 agricultores dividia-se na coleta das informações internas dos assentamentos, enquanto outros três ou quatro aprendiam técnicas de programação e locução, todos voluntariamente. “Eram todos assentados, alguns com mais conhecimento, mas muitos só tinham o primário. [...] Usávamos o linguajar do colono, porque o importante era que a mensagem fosse entendida” (FUNDADOR 1, 2013). Iniciou-se, portanto, um processo comunicacional de caráter não-linear, que valorizava as relações interpessoais e o contexto social da recepção dessas mensagens.

Nesse sentido, a *folkcomunicação* desempenhada pelos assentados reconfigurava a Teoria do Duplo Fluxo (*Two-Step-Flow-of-communication*, de Paul Lazarsfeld), também abordada por Beltrão (2004; 2001). Pelo conceito de um fluxo comunicacional em duas etapas, e mais tarde, reconhecido em múltiplos estágios,

as interações com indivíduos próximos de seu entorno social influenciam na recepção das mensagens dos meios de comunicação. Ou seja, a informação que sai da fonte passa pela interpretação de terceiros (influência coletiva de agentes simbólicos) até chegar à audiência. Beltrão (1980) argumenta que

excluídos do sistema de comunicação social, e não podendo – pela própria condição humana – dispensar o intercâmbio de mensagens culturais, integrariam sem dúvida um outro complexo de procedimentos, modalidades, meios e agentes elaboradores e emissores de mensagens, ao nível de sua vivência, experiência e necessidades, e expressivas de sua ideologia, aspirações e opiniões. Seria através desse outro sistema que as camadas sociais identificadas como carentes intercambiariam elementos de informação, educação, incentivo à melhora material e espiritual de sua vida, e, afinal, de entretenimento e sonho adequado às condições sócio-econômicas do seu dia-a-dia (BELTRÃO, 1980, p. 23).

Surgiam, então, os primeiros “líderes de opinião” nos assentamentos de Hulha Negra, que mesmo sem assim se aperceberem, faziam a mediação entre as informações da mídia de massa e a população rural, bem como entre o MST e as famílias. Os integrantes da rádio Terra Livre passaram a ser o “elo” entre o *hinterland*⁷ e o mundo exterior, capazes de traduzir o cenário “lá de fora” e harmonizar o pensamento da comunidade, assemelhando-se às figuras retratadas

⁷ Termo emprestado de Beltrão, que, traduzido do inglês, significa “interior de um país, região distante”, conforme o Michaelis Moderno Dicionário. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/index.php?lingua=ingles-portugues&palavra=hinterland>>.

por Beltrão na década de 1960. Para o autor, o líder de opinião exerce função primordial para completar o ciclo comunicacional entre os grupos marginalizados. Ele destaca que

essa conquista de liderança está intimamente ligada à credibilidade que merece no seu ambiente e à habilidade do agente comunicador de codificar a mensagem ao nível de entendimento dos seus receptores. Em função da estrutura social discriminatória mantida em nações como a nossa, a massa camponesa [... se comunica] por meio de um vocabulário escasso e organizado dentro de grupos de significados funcionais próprios. Quando se pretende transmitir uma mensagem a essas porções de indivíduos – e, especialmente, quando a mensagem insere um novo sistema de valores e conceitos [...] – é preciso ‘traduzir-lhes’ a ideia, adequando-a aos seus esquemas habituais de valoração (BELTRÃO, 2004, p. 38-39).

À “decodificação” feita por esses agentes, cabe ressaltar o linguajar camponês, mantido até hoje na rádio Terra Livre, as características peculiares ao gaúcho, seu sotaque e suas expressões típicas da Campanha. Os programas parecem uma “conversa de vizinhos” – ou “rodas de viola” – e os comunicadores preservam a simplicidade do homem do campo. Isso os aproxima ainda mais da comunidade da qual também fazem parte, instaurando novos vínculos de identificação, conforme prevê a teoria de Beltrão (2004):

No sistema da folkcomunicação, [...] as manifestações são sobretudo resultado de uma atividade artesanal do agente-comunicador, enquanto seu processo de difusão se desenvolve horizontalmente, tendo-se em conta que os usuários característicos recebem as mensagens através de um intermediário próprio em um dos

múltiplos estágios de sua difusão. A recepção sem este intermediário só ocorre quando o destinatário domina seu código e sua técnica, tendo capacidade e possibilidade de usá-lo, por sua vez, em resposta ou na emissão de mensagens originais (BELTRÃO, 2004, p. 73-74).⁸

Os agentes *folk* tornam-se líderes quando passam a ser referência no grupo ao qual pertencem, pois são a principal fonte de informação entre os meios massivos e os receptores heterogêneos de determinadas realidades. De acordo com Beltrão (2004), a personalidade do líder de opinião caracteriza-se por: prestígio na comunidade, independente de posição social ou situação econômica; exposição às mensagens dos sistemas tradicionais de comunicação, com capacidade para selecionar ideias, princípios e normas de seu grupo; frequente contato com fontes externas; mobilidade; arraigadas convicções filosóficas, à base de suas crenças e costumes, com vistas a alterações que considere benéficas ao seu coletivo.

Nesse sentido, um dos locutores mais antigos da rádio Terra Livre confirma que sua experiência o deixou ainda mais popular. Diz ele:

Eu já era bem conhecido porque fui um dos primeiros a vir para os assentamentos, então sempre fui bem visto e bem recebido nas comunidades. Mas a partir do momento que eu vim para a rádio, esse reconhecimento foi maior. Só que não pode misturar as coisas, porque cada um tem a sua família e a gente também trabalha aqui. [...] O que gratifica é quando vamos nas comunidades e o povo fala que escuta a gente. Me sinto realizado, aprendi a gostar! Eu não quis fazer o curso de comunicação, porque eu não tinha ideia

⁸ A mesma citação também é encontrada em Beltrão (1980, p. 27).

de ser apresentador, achava que não dava para a coisa. Hoje eu me arrependo, porque tudo o que eu aprendi, aprendi sozinho, se tivesse feito o curso teria sido mais fácil (LOCUTOR 1, 2013).

A proximidade com os locutores é um dos fatores de formação de uma audiência participativa, pois o “líder” facilita a interpretação das mensagens e concatena informações pertinentes ao ambiente onde atua. “É que a mensagem cultural se propõe a atender às necessidades básicas da cultura do receptor, relativas ao conhecimento e uso dos bens que a inteligência criadora, a ação construtiva do homem e a dinâmica da vida social lhe podem proporcionar” (BELTRÃO; QUIRINO, 1986, p. 103).

Desse modo, vislumbra-se o fenômeno da *folkcomunicação* na existência de um sistema específico que conecta as populações rurais de Hulha Negra e região. O aprendizado gradativo e a troca de experiências estão no cerne da construção da rádio, que, ao longo de 17 anos, auxilia na construção e na consolidação dessas comunidades. Beltrão (2004; 1986) explica que a função da comunicação não está “tão-somente em informar ou orientar”, mas está também na educação, na atividade lúdica/diversional e na ação promocional. Por isso, o ato de comunicar, neste caso, representa mais que a mera transmissão de notícias feita por agricultores sem formação especializada, impera um desejo emancipatório de classes renegadas a sua conjuntura histórica, política, cultural e social.

2. Os fins justificam o meio

A *folkcomunicação* perpassa as práticas comunitárias de comunicação, uma vez que valoriza perso-

nagens e instrumentos participativos no percurso entre emissores e receptores de mensagens. Os canais são abertos à interação da audiência, efetivando o diálogo e a criação de vínculos por meio de agentes "terceirizados" entre as fontes de informação e os destinatários. Nesse sentido, torna-se relevante discutir a comunicação popular, de maneira mais específica, a rádio comunitária, para situar conceitualmente o objeto abordado nesta pesquisa. Além disso, tratar de *folk* requer estender sua abordagem para as metodologias comunicativas do povo, pois a teoria de Luiz Beltrão não é estanque, ela se faz e refaz no dia a dia das comunidades mais simples e dos movimentos sociais.

Beltrão (1980) admite esse dinamismo ao tomar emprestado o ponto de vista de Edison Carneiro:⁹

[...] segundo o qual 'sob a pressão da vida social, o povo atualiza, reinterpreta e readapta constantemente os seus modos de sentir, pensar e agir em relação aos fatos da sociedade e aos dados culturais do tempo', fazendo-o através do *folclore*, que é dinâmico porque, 'não obstante partilhar, em boa percentagem, da tradição e caracterizar-se pela resistência à moda... é sempre, ao mesmo tempo, que uma acomodação, um comentário e uma reivindicação' (BELTRÃO, 1980, p. 24, grifos do autor).

Do mesmo modo, Cogo (1998) reitera o componente pedagógico e organizativo latente nas formas de comunicação popular. Em sua opinião:

⁹ Edison Carneiro (1912-1972): Etnólogo, folclorista, historiador, foi um dos mais destacados pesquisadores da cultura popular, tendo participado de movimentos que visavam o conhecimento e valorização do folclore nacional.

[...] falar de comunicação popular é falar do modo de inserção do trabalho comunicativo no meio ambiente social. É pensar a comunicação a partir dos critérios e valores dos grupos populares ligados a esse meio ambiente. Valores como o sentido da vida, do trabalho, da solidariedade, que aparecem articulados no cotidiano do povo (COGO, 1998, p. 48).

Cogo (1998) salienta que o rádio é o meio com maior capacidade tecnológica de introduzir-se no cotidiano das pessoas, porque não requer muitas habilidades, tanto dos ouvintes quanto dos comunicadores. Conforme a autora, "as rádios populares inserem-se na vida cotidiana dos receptores à medida que se tornam úteis aos seus ouvintes, prestando serviços que envolvem as diferentes dimensões do cotidiano" (COGO, 1998, p. 98). Ela acrescenta que esse tipo de veículo – e mais, a comunicação comunitária – está relacionado às necessidades dos movimentos de resistência e reivindicação, atribuindo sentido político a essas experiências comunicativas, como pode ser constatado no caso da Terra Livre FM.

Ainda nessa perspectiva, Peruzzo (2006) defende que o pressuposto básico da rádio comunitária é o envolvimento da comunidade em uma atividade promovida pelo povo, desde a gestão e a produção dos programas ao planejamento das estratégias. Segundo ela, as pautas dizem respeito à realidade local, com maior aprofundamento e análise que as matérias veiculadas em emissoras comerciais. Também se inaugura um espaço mais democrático para a livre expressão de cidadãos, ou grupo organizados. Por fim, a autora define:

As rádios comunitárias, propriamente ditas, são aquelas que possuem um caráter público, ou seja, são sem fins

lucrativos e comprometidas com a melhoria das condições de vida e o desenvolvimento da cidadania através do envolvimento direto dos cidadãos. Espera-se, portanto, que uma rádio comunitária seja canal para o exercício da liberdade de expressão da população local, favoreça a participação ativa dos moradores da localidade da emissora, desenvolva um trabalho de informação, educação não-formal, desenvolvimento da cultura e mobilização social, na direção da auto-emancipação cidadã (PERUZZO, 2006, p. 116-117).

Nota-se, então, que a rádio Terra Livre FM preenche os requisitos da categoria comunitária, embora arque com a falta de regulamentação. Os coordenadores justificam que a legislação vigente no país¹⁰ reduz muito o alcance das rádios comunitárias, inviabilizando a emissora do assentamento Conquista da Fronteira, uma vez que hoje ela serve como veículo de integração entre os demais projetos de reforma agrária da região, principalmente em Candiota e em Bagé.

A ilegalidade já tirou a rádio do ar por três vezes, por conta de autuações da Polícia Federal. A primeira foi logo após um mês de funcionamento, e a maior delas, em meados dos anos 2000, resultou na apreensão do equipamento e na suspensão das atividades por cerca de nove meses. Fato curioso que os moradores relatam é que, na ocasião, o locutor deixou o áudio ligado dos microfones, enquanto negociava com a polícia, e os agricultores se acumulavam do

¹⁰ A legislação é ampla, com destaque à Lei nº. 4.117/62 e todas as suas modificações, ao Decreto-Lei nº. 236/67, à Lei Geral das Telecomunicações nº. 9.472/97, além da portaria nº. 197/2013. Este artigo não pretende discutir o tema em profundidade, em função da extensão que o assunto requer. Mais informações podem ser obtidas em <<http://www.mc.gov.br/acoes-e-programas/radiodifusao-comunitaria>>.

lado de fora da rádio, em sinal de protesto. Depois de perderem o transmissor nessa operação, as famílias se mobilizaram e arrecadaram R\$ 5,00 de cada uma para a compra de um novo. Os coordenadores afirmam que frequentemente são notificados pela Justiça, mas conseguem recorrer, porque muitos juízes já reconhecem a finalidade de utilidade e interesse público da emissora comunitária.

Há, também, um espírito coletivo de posse, onde cada agricultor sente-se proprietário da emissora, não somente por ter contribuído financeiramente, mas pelo marco que ela representa dentro das comunidades. Na opinião do Ouvinte 1, “esta rádio tem um valor muito grande para nós e se legalizou por conta. Ela não é legalizada documental, mas hoje as autoridades não têm mais condições de fechar, porque ela se legalizou automaticamente pela comunidade” (OUVINTE 1, 2013).

De acordo com o Coordenador 1 (2013), a trajetória da Terra Livre FM divide-se em três etapas: 1) de 1996 a 2000, atuação mais experimental e amadora, voltada ao sistema de recados internos; 2) de 2001 a 2005, considerado o período de transição, pois foi quando a comunidade realmente sentiu a ausência do veículo – “ficamos quase um ano sem a rádio e foi o que mostrou a sua importância, pois encontramos muitas dificuldades sem ela” (COORDENADOR 1, 2013); e etapa 3) a partir de 2005, ocorreu a consolidação da emissora, com a aquisição de equipamentos mais modernos por meio do aporte financeiro da Cooperal, o que incluiu a compra de novos computadores, antena de 15 metros de altura e transmissores mais potentes (hoje, eles possuem um de 80 Kwts), mesa de som e de gravação. “De lá para cá, a rádio

se aperfeiçoou nas questões técnicas, os radialistas se capacitaram com pessoas com mais formação, e hoje funcionamos bem pertinho dos moldes de uma rádio tradicional” (COORDENADOR 1, 2013).

Assim, a presença constante junto aos públicos da reforma agrária e a notoriedade dos serviços prestados pela FM fizeram que ela atingisse dimensões muito maiores que as iniciais. Tanto, que, hoje, a emissora tem entre 40 a 60 apoiadores culturais, desde cooperativas do MST, prefeituras, instituições religiosas, minimercados, floricultura, lojas de confecções, de autopeças, de materiais de construção, de móveis e de eletrodomésticos, entre outros. As cotas dependem do tamanho e da estrutura do apoiador, variando de R\$ 15,00 a R\$ 150,00 por mês em troca de inserções comerciais veiculadas durante a programação. Porém, só são aceitos apoiadores simpatizantes da reforma agrária e de cunho comunitário. Anúncios e convites festivos também são cobrados (R\$ 1,00 por inserção), pois são eventos que “geram lucro”.

Os recursos são destinados inteiramente à manutenção mensal de aproximadamente R\$ 3,5 mil, com o pagamento das despesas de energia elétrica e eventual documentação e dos locutores, que hoje ganham “ajuda de custo” por hora trabalhada (entre R\$ 600,00 e R\$ 700,00 para cada apresentador fixo). Peruzzo (1998, p. 257) esclarece que uma rádio comunitária não possui fins lucrativos, no entanto, “vende espaços para anúncios e busca patrocínios culturais, mas canaliza os recursos arrecadados para custeio, manutenção ou reinvestimento e não para o lucro particular”.

A autora ensina ainda que a emissora deve manter um sistema de gestão coletiva que “envolve a

participação direta da comunidade, por meio de órgãos deliberativos como os conselhos e a assembleia" (PERUZZO, 1998, p. 257). No caso da Terra Livre FM, ela está registrada em nome da Associação Cultural e Comunitária 25 de Outubro (nome alusivo à data de criação da emissora), formada pelos assentados, o que lhe confere administração e operacionalização supervisionadas pelo coletivo.

Além disso, a rádio comunitária também possui um viés político-ideológico muito pertinente aos movimentos sociais, uma vez que democratiza os espaços de comunicação. Segundo Berger (1998), esse é o meio em que o Movimento Sem Terra aposta, pois privilegia o contato entre a população rural e institui a capacidade conscientizadora de resistência frente às elites dominantes. Consoante às diversas formas de luta (manifestações em locais públicos, ocupações de terras e/ou pontos simbólicos, romarias etc.), o Movimento investe em ferramentas próprias de comunicação, já que os canais tradicionais não lhe cedem espaço, como descreve a autora:

O MST sabe, com mais ou menos certeza, que a luta pela terra e a questão da reforma agrária não são em si notícia no Brasil. Por um lado, porque ela é a mesma há muitos anos e, assim, não corresponde ao critério de novidade para ser notícia; por outro, porque não vai ao encontro dos interesses dos que detêm o poder político e de seus representantes na mídia.

Por isso, o MST precisa 'reinventar' sua luta. Se a questão da terra não é notícia, os modos de reivindicá-la podem vir a ser (BERGER, 1998, 109).

Berger (1998) também debate a questão da cultura popular despertada no bojo dos movimentos sociais. A cultura popular circula por entre o massivo,

o tradicional, o moderno, o local, o nacional e o global, e reconstitui um jogo de interações entre classes, visualizado nos movimentos sociais e, pode-se dizer, também na *folkcomunicação*. Para ela

já último resquício do popular engajado no tecido social para transformá-lo, encontra-se nos movimentos populares. Nestes, através da organização para a sobrevivência e da busca por um sentido para a vida, expressa-se a cultura popular. Os movimentos sociais existem em razão da distribuição desigual dos bens produzidos socialmente, que demanda um tipo de organização cujo objetivo é reivindicar. No seu interior configura-se a expressão cultural da desigualdade social. A cultura dos movimentos sociais é do conflito e da solidariedade; da carência, da escassez e da falta, e é ela quem subsidia a possibilidade da reunião e a capacidade da rebelião (BERGER, 1998, p. 85).

Então, apreendem-se os traços comunitários e populares da rádio em questão para aprimorar os elementos da *folkcomunicação*, já que o seu campo científico também comporta as investigações desses gêneros. Para Peruzzo (1998), o estudo da comunicação popular implica abarcar uma série de fatores que vão muito além da análise do meio comunicativo em si mesmo. É preciso mergulhar no cenário onde ele se encontra e nadar pelas relações que ele propõe. Isso porque a *folk*, assim como a própria comunidade, é o lugar das coletividades, onde a afirmação identitária de grupos dissociados do um sistema massivo transcende os muros da marginalização por meio da auto-organização e do desenvolvimento de instrumentos originais de comunicação e de diálogo.

3. De comunidade para comunidade

O afastamento geográfico dos centros urbanos não apresenta apenas limitações estruturais, como locomoção ou infraestrutura, traz consigo a dificuldade de acesso aos bens culturais, como a informação. A sociedade aparece às comunidades rurais mediada, muitas vezes, pela televisão, e, principalmente, pelas ondas sonoras radiofônicas. Porém, a mídia tradicional oferece uma realidade diferente daquela onde vivem homens e mulheres do campo, desprezando necessidades, desejos, hábitos e costumes que lhes são peculiares e submetendo-os a um universo que nem sempre lhes pertence.

O educador brasileiro Paulo Freire já alertava que "a dificuldade em dialogar dos camponeses não tem sua razão neles mesmos, enquanto homens camponeses, mas na estrutura social, enquanto 'fechada' e opressora" (FREIRE, 2011, p. 61). Essa organização propaga-se em um modelo historicamente vertical de comunicação, onde a participação popular é vedada, ainda mais às populações rurais, restritas a uma mera recepção passiva.

Todavia, Freire (2011) retomou o homem como o centro das transformações sociais, desde que fossem examinadas suas relações com a natureza e não fossem desmerecidos os condicionamentos histórico-culturais a que está submetida a sua forma de atuar. Em outras palavras, é abrir-se ao ser humano em seu meio ambiente para possibilitá-lo à libertação pelo conhecimento, como preconizava o pensamento freireano:

[...] o homem, que não pode ser compreendido fora de suas relações com o mundo, de vez que é um 'ser-em-situação', é também um ser do trabalho e da

transformação do mundo. O homem é um ser da 'práxis'; da ação e da reflexão.

Nestas relações com o mundo, através de sua ação sobre ele, o homem se encontra marcado pelos resultados de sua própria ação (FREIRE, 2011, p. 30).

Para o autor, a educação libertadora não está divorciada da vivência e da experiência do indivíduo. Ao contrário, "o conhecimento [...] exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica invenção e reinvenção" (FREIRE, 2011, p. 28-29), exatamente como propõe a teoria da *folkcomunicação*, onde a redescoberta dos meios tradicionais do povo recria a oportunidade de aprendizado e de crescimento individual e coletivo.

Do mesmo modo, Bordenave (1988) aproxima-se da *folkcomunicação* quando assegura que a "comunicação rural" possui "sua verdadeira identidade como expressão da *cultura popular* e, em lugar de se reduzir a códigos instrumentalizados por meios mecânicos ou eletrônicos, utiliza todos os meios que a cultura popular sempre usou para se manifestar [...]" (BORDENAVE, 1988, p. 43). Conforme o autor, os agricultores reformulam formatos, técnicas e conteúdos dos canais já existentes, ajustando-os para a sua posição mais "conscientizadora-participativa".

No caso dos assentados de Hulha Negra, pode-se considerar a rádio comunitária como um "sistema interpretante" pelo qual as famílias se apropriam das informações veiculadas nos meios de comunicação de massa a partir da releitura feita pelo grupo que opera a rádio. Esse grupo simboliza os agentes *folk* das comunidades, uma vez que têm mais acesso a

jornais e agências de notícias convencionais e retransmitem dados e fatos conforme o interesse local, a linguagem popular e as ideologias que acreditam. Contudo, a mídia convencional não é simplesmente rejeitada, pois muitas vezes veículos de grande circulação¹¹ servem de fonte de informações, desde que “reescritos” para o entendimento do povo:

Da mídia tradicional, 'tu pega' a Zero Hora e estes outros jornais de circulação, como o Jornal Nacional da Globo e 'tu faz' um resumo, uma síntese e divulga para o povo. Tu usa isso mas com a tua própria visão, tem algumas coisas que são completamente distorcidas. Fizemos uma interpretação e uma reflexão da mídia que está aí (COORDENADOR 2, 2013).

Para tanto, a teoria de Luiz Beltrão garante que a principal influência da comunicação de massa é “secundária”, pois decorre da discussão da mensagem no grupo. “A influência dos meios de comunicação de massa se exerce não diretamente, mas por intermédio de grupos compreendidos dentre *n* receptores que constituem a audiência, por sua natureza *dispersa e desorganizada*” (BELTRÃO, 2004, p. 75). O autor considera também a heterogeneidade do público receptor das mensagens, quem nem sempre possui condições de captar a comunicação massiva, mas a encontra na sintonia com o comunicador que lhe é familiar.

Melo (2004) acredita que a *folkmídia* e a *mass mídia* coexistem em harmonia, pois o cenário “polifa-

¹¹ Aqui se deve registrar a precariedade do acesso à internet observado na zona rural. De acordo com os organizadores da Terra Livre, nem sempre é possível contar com os serviços *on-line*, por isso, *sites* de notícias não são muito visitados. Eles acabam repercutindo o jornal impresso comprado na cidade ou assuntos escutados em outras emissoras de rádio ou na televisão.

cético e multicultural" do mundo globalizado acolhe a aldeia global e a aldeia local como institui o pensamento beltraneano. Segundo ele, Beltrão "reconheceu o universal que subsiste na produção simbólica dos grupos populares, percebendo ao mesmo tempo que os dois sistemas comunicacionais continuarão a se articular numa espécie de *feedback* dialético, contínuo, criativo" (MELO, 2004, p. 20). Logo, a Terra Livre FM articula o global e o local, o macro e o microcosmo do *hinterland*, com vistas ao progresso dessas comunidades.

Além disso, deve-se acrescentar a orientação político-ideológica do viés comunitário da rádio e da ligação dos agricultores com o Movimento Sem Terra, a qual imprime "filtros" não somente às notícias, mas até mesmo nas músicas. O Coordenador 2 (2013) assenta que:

...as orientações de comunicação da rádio coincidem 100% com as do Movimento. Nós tratamos a questão político partidária com uma complexidade ampla, porque nem somos uma rádio legalizada, então tem limites. Não é todo mundo que pode ir lá e desabafar, ou nós também, falar bem ou mal desta pessoa. Por exemplo, tem uma briga do vereador tal com o prefeito tal e querem usar a rádio. O espaço da rádio não é para isso [...] eles que se resolvam e aqui venham falar as coisas boas para nós. Tentamos dialogar, desde que tenha o perfil da classe, seja do partido A ou B. Mas também tem restrições: 'se tu pega um sujeito' que fala mal de nós, ele é cortado, [...] a gente não deixa usar a palavra porque não se alinha com a nossa ideologia (COORDENADOR 2, 2013).

No que diz respeito ao entretenimento, o Locutor 1 (2013) esclarece que determinados tipos de música – como *funk*, ofensivas à mulher, discriminatórias e/ou

racistas – são totalmente recusados, porque a rádio preza pelos valores éticos e morais das comunidades. Segundo ele, a programação sempre é discutida pelo grupo e segue a apreciação dos ouvintes, ou seja, se um programa não for bem aceito ou não tiver bons índices de audiência, ele é ajustado, ou mesmo suspenso.

Esse fenômeno já era anunciado por Beltrão, quando ele examinava o “Homem do Brasil em sua normalidade”, detectando a força do interesse coletivo como motor das interações entre emissor e receptor no esquema de comunicação de Lazarsfeld. Então, Melo reflete que:

[...] a re-interpretação das mensagens não se fazia apenas em função da ‘leitura’ individual e diferenciada das lideranças comunitárias. Mesmo sintonizadas com as ‘normas de conduta’ do grupo social, ela continha fortemente o sentido da ‘coesão’ grupal, captando os signos da ‘mudança social’, típico de sociedades que sofrem as agruras do meio ambiente e necessitam transformar-se para sobreviver (MELO, 2004, p. 16).

Nesse sentido, concebe-se, então, a influência da luta pela reforma agrária – fator de composição e de união das comunidades – permeada em toda a programação da rádio Terra Livre, inclusive no próprio nome. Na busca pela excelência dos serviços, coordenadores e comunicadores esmeram-se nos padrões das rádios comerciais, todavia, jamais abandonam os laços camponeses que os une. Uma prova disso está na representação folclórica da cultura gaúcha, por meio das músicas e na escolha das pautas, que partem da comunidade para a rádio.

Entre os temas de maior interesse, estão os de nível "macro", como a política e a economia do país (especialmente agricultura familiar, agronegócio e meio ambiente) e os de âmbito mais local, como investimentos públicos e infraestrutura. Os mais trabalhados são os assuntos que reproduzem a preocupação dos cidadãos que vivem na zona rural, como a permanência no jovem e as mulheres camponesas. De acordo com o Coordenador 2 (2013), as pautas dependem muito do momento que a comunidade vive:

Não tem como dizer qual é a programação tem mais ou menos audiência, mas quando a gente sai de uma luta na sexta-feira, por exemplo, não temos dúvida que 100% da população vai escutar nosso programa no sábado para saber o que se passou, porque a gente não vai ter condições de ir em todos os 56 assentamentos explicar o que aconteceu ou fazer o debate, então as pessoas ficam ligadas. Usamos a rádio para mobilizar para as atividades e quando a gente volta resume o que acontece (COORDENADOR 2, 2013).¹²

Ao lado da organização social, a emissora também se mostra como dispositivo de utilidade pública para instituições governamentais e privadas que atuam na região. Prefeituras, empresas de extensão rural e até a polícia utilizam os microfones da FM para informar a população. Segundo os coordenadores, são as entidades que procuram a produção para comunicados importantes ao funcionamento da comunidade, vistos em dois exemplos: no início do ano, a Polícia Militar usou o espaço de entrevistas para

¹² No dia em que concedeu a entrevista para este estudo, o Coordenador 2 participava de uma mobilização estadual do MST em Porto Alegre, e transmitia o acontecimento por telefone, em intervenções diárias, aos assentados de Hulha Negra.

explicar a operação contra a estiagem que iria fazer; no dia anterior à pesquisa de campo desse trabalho, o Corpo de Bombeiros também fez um chamado pela rádio para cancelar as aulas na escola do assentamento Santa Elmira, devido a um enxame de abelhas que teria de ser removido.

Durante o dia, são aproximadamente 18 horas e meia de programação ininterrupta, que continua aos finais de semana com 16 horas de atividades, além dos especiais ou apresentações esporádicas realizadas por outros colaboradores. Nota-se que a grade (construída de modo semelhante aos modelos convencionais) é muito flexível, sendo permitida, a qualquer instante, a intervenção do ouvinte ou de fontes externas que queiram utilizar os microfones para informações relevantes às localidades, indicando uma programação baseada em comentários, análises e opiniões. Não há produção permanente de conteúdos ou matérias completas, pois estas normalmente são retiradas das fontes do MST, de instituições governamentais ou da própria mídia de massa.

O quadro de comunicadores é formado por quatro homens e uma mulher, com idades entre 15 e 41 anos, todos assentados da reforma agrária. Eles têm liberdade para conduzir os seus programas, porém, a programação é revisada periodicamente pelo grupo todo (que inclui três gestores). A produção e a operacionalização não são profissionais, pois é feita por agricultores autodidatas. O locutor não tem auxílio de técnicos, ele mesmo é o apresentador e o responsável pela mesa de som. Tarefas árduas para quem possui, em muitos casos, só o ensino fundamental e nenhuma aptidão com informática, mas essenciais para aqueles que têm, na rádio, o principal meio de

comunicação. Dificuldades como falta de acesso à internet (que chegou à localidade há cinco anos, mas, até hoje, com velocidade de transmissão de dados muito baixa, quando não nula), oscilação das fontes de energia elétrica, meteorologia, acompanhamento técnico permanente, qualificação dos comunicadores, são empecilhos que a comunidade e os agentes *folk* aprenderam a contornar coletivamente para sustentar a Terra Livre FM.¹³

Assim, as características da referida rádio comunitária se convertem nas premissas de Beltrão (2004), conforme a síntese de sua teoria:

*[...] a Folkcomunicação é, por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa (BELTRÃO, 2004, p. 74, grifos do autor).*¹⁴

Na avaliação do representante de uma instituição que realiza trabalhos junto às comunidades rurais, a Terra Livre FM é “instrumento fundamental na questão de informação, cultura e debate” (USUÁRIO, 2013). Ele recorda que, há cerca de oito anos, os eventos tinham de ser programados com muita antecedência, porque dependiam do “boca a boca”

¹³ Durante o acompanhamento das atividades da rádio e a realização das entrevistas, no dia 23 de outubro de 2013, a emissora precisou ser desligada por mais de três horas devido a um forte temporal e quedas de energia elétrica, que poderiam comprometer os aparelhos (antena, transmissor e computadores).

¹⁴ A mesma citação também é encontrada em BELTRÃO, 1980, p. 28.

para serem divulgados. “Hoje, basta divulgar uma hora antes na rádio que todo mundo já fica sabendo. Facilitou porque agilizou nossas atividades, não sei como seria se não tivesse a rádio”, afirma o Usuário, que distingue também a penetração da emissora na sociedade local:

Há uma verdadeira paixão pela rádio, as famílias assentadas se identificam muito com a música, os recados, a divulgação que a rádio faz. Também tem ligação com as vilas das cidades da região, tem um bom grupo das vilas que preferem deixar qualquer outra rádio para ficar na rádio comunitária Terra Livre. É um dos elos principais, assim como a cooperativa, a escola, ou outras associações, a rádio integra isso. É uma força dentro da força maior (USUÁRIO, 2013).

Sob esse aspecto, aparece a maior virtude da rádio Terra Livre, que é a participação ativa da audiência. No momento em que os públicos são fonte e destino das mensagens, eles possuem autonomia para decidirem o que comunicar e sobre o que se comunicar. O fortalecimento do grupo social ao qual pertencem consolida-se pelas ondas da rádio, vencendo o preconceito de décadas atrás, quando se instalaram na região como assentados da reforma agrária. A possibilidade de uma mídia tão interativa e tão próxima de sua realidade incentiva o diálogo e reduz as dificuldades do *hinterland*.

A média de participação dos ouvintes fica entre 20 e 30 intervenções no programa “Arte e Cultura”, no horário matinal durante a semana, e chega a 40 no final de semana, no programa Luz e Alegria,¹⁵ quan-

15 Dados fornecidos por locutores da rádio Terra Livre FM, em 23 de outubro de 2013.

do, principalmente, os jovens e os adolescentes estão em casa. A participação ocorre majoritariamente por meio de ligações ao telefone celular da rádio (ou do próprio locutor), mas também por torpedos, cartas e e-mail, nessa ordem. Seja para comentários ou para obter mais informações sobre o que foi abordado, seja para acrescentar novos dados ou opinião pessoal, ou até mesmo para saber por que a rádio não está no ar, o canal é livre para a expressão da comunidade.

Assim, a emissora fixou-se, ao longo do tempo, como um centro de informação para agricultores de toda a região. Não um centro institucionalizado, mas um aparato simbólico por onde os assentados podem entender e fazer-se entender. Novamente, Beltrão (2001) cita Edison Carneiro para esclarecer a função de meios alternativos como a rádio comunitária:

É através desses veículos e agentes que as camadas populares 'organizam uma consciência comum, preservam experiências, encontram educação, recreio e estímulo, dão expansão aos seus pendores artísticos e, afinal, fazem presentes à sociedade oficial as suas aspirações e as suas expectativas... Elemento de aproximação e coesão, o folclore serve de tribuna, é um comício com que o povo se faz ouvir pelas classes superiores... em manifestações que refletem o seu comportamento em face das relações de produção vigentes na sociedade, como o registro e o comentário dos fatos da vida cotidiana' (BELTRÃO, 2001, p. 125).

Então, a atuação desse "centro de informação" provoca a cristalização de opiniões e é capaz de levar o grupo a ações uniformes e eficazes, pois a participação se efetiva como um todo, nos três níveis que Bordenave (2001) diferencia em *fazer parte; tomar par-*

te; e *ter parte*. O primeiro diz respeito a uma situação involuntária, enquanto que o segundo está relacionado a ações mais passageiras e descomprometidas, e o terceiro vinculado a funções mais permanentes. Ao reverenciar a *folkcomunicação*, o autor contempla as redes dialógicas e multilaterais de informação, licenciadas pela maior participação dos atores:

Na Comunicação Participatória todos os interlocutores exercem livremente seu direito à auto-expressão, como uma função social permanente e inalienável; geral e intercambiam seus próprios temas e mensagens; solidariamente criam conceito e saber, e compartilham sentimentos; organizam-se e adquirem poder coletivo; resolvem seus problemas comuns e contribuem para a transformação da estrutura social de modo que ela se torne livre, justa e participativa (BORDENAVE, 2001, p. 91).

O uso emancipador da comunicação, de acordo com Enzensberger (1978, p. 101-102), possui as seguintes características: “programas descentralizados, cada receptor é um transmissor em potencial, mobilização das massas, interação dos participantes/ *feedback*, processo de aprendizagem política, produção coletiva e controle socializado por auto-organizações”. Essas palavras se traduzem na justificativa do Coordenador 2:

O que é utilizado da mídia e da imprensa tradicional é muito pouco, porque a mídia tradicional, da burguesia, não tem interesse em divulgar o que é interesse da classe ou alguma coisa boa para nós. O que nós queríamos era essa diferenciação na comunicação, porque hoje um meio de comunicação é estratégico, independente se for da burguesia ou da classe, e nós temos nas mãos essa ferramenta, para dialogar com

o conjunto da classe e até mesmo com a sociedade em geral (COORDENADOR 2, 2013).

Para as famílias assentadas de Hulha Negra, a rádio comunitária promove a coesão grupal para continuarem unidas, principalmente em torno do movimento social ao qual pertencem. Esse veículo de comunicação, particular aos agricultores, já se firmou como um “meio orgânico” daqueles grupos, estimulando a interação, a participação, a confluência em torno de interesses, algumas identidades, o sentimento de pertença, o caráter cooperativo, todos elementos imprescindíveis à existência da “comunidade”, segundo Peruzzo (2002). A autora ratifica que “falar em comunidade significa falar de fortes laços, de reciprocidades, de sentido coletivo dos relacionamentos” (PERUZZO, 2002, p. 277), como ocorre através da Terra Livre FM.

Por isso, “comunidade” é um conceito relevante na abordagem *folkcomunicacional*, pois é nela que se formam as identidades coletivas que dão significado à comunicação popular. É também na comunidade que acontece o processo tradicional de aprendizado entre gerações, quando são transmitidas as formas de comunicação peculiares dos grupos. “Junto com outros processos de relações sociais mais generalizantes, globais, efêmeros, agregativos, etc. em nível da cidade ou da sociedade, comunidades continuam sendo portadoras de especificidades marcadas pelos laços que as tornam comunidades” (PERUZZO, 2002, p. 295).

O instinto comunitário converte-se, ainda, em ativismo social, porque, como afirma Beltrão (2004, p. 29), “a resposta à mensagem, na comunicação coletiva, não é discussão, mas ação”. Ao elaborarem

seus próprios produtos em lugar de apenas consumir as informações disseminadas pela grande mídia, os públicos podem operar e criar estratégias comunicativas comuns a seu cotidiano. Eles, então, constituem meios de comunicação que desafiam as estruturas hierárquicas existentes e conferem poder a comunidades e classes, permitindo que conversem entre si.

Sendo assim, a mobilização social necessária para o desenvolvimento do campo, especialmente dos assentamentos da reforma agrária, materializa-se em iniciativas – comunitárias, alternativas e radicais – como a rádio Terra Livre FM. Na mesma perspectiva da *folkcomunicação*, as relações sociais firmadas entre os camponeses e mediadas pela emissora não se deparam com sujeitos passivos, pois todos os atores agem na interpretação, na interação com o grupo e na reinterpretação das informações e das mensagens, em uma forma hermenêutica de lidar com a comunicação e com o compartilhamento de conhecimentos, que nem sempre lhes são proporcionados.

4. Considerações finais

A história e o progresso da rádio comunitária Terra Livre FM é uma mostra da relevância da *folkcomunicação* para as comunidades do *hinterland*, onde as manifestações populares não podem ser apreciadas somente em seus aspectos artísticos, mas principalmente em seu caráter libertador e emancipador nessa sociedade tão dicotômica quanto a brasileira. Paralelo ao avanço tecnológico e às mediações via satélite ou computador, as formas primitivas de comunicação ainda resguardam o homem como sujeito das relações humanas.

Beltrão (2004) comparava os grupos marginalizados a “unidades subatômicas” divorciados do núcleo do átomo. Entretanto, seu *status* periférico não lhes diminuiu a capacidade de movimentação e mobilização dentro do sistema e nem por isso eles “se furtam à participação na atividade essencial da recepção e transmissão de mensagens culturais, de formas de saber e esquemas de conduta, de opiniões, atitudes e experiências, sem as quais até a sobrevivência estaria em risco” (BELTRÃO, 2004, p. 58). Portanto, reconhecer as iniciativas criadas pelas comunidades é reconhecê-las como cidadãs integrantes da nação.

A vitória da *folkcomunicação* está na ascensão das famílias assentadas de Hulha Negra, que venceram o preconceito da luta pela terra, a distância, as dificuldades culturais e econômicas e a incomunicação por meio de ondas “piratas”¹⁶ de rádio. Desde a chegada àquele território inóspito, a improvisação e a criatividade foram determinantes à sua sobrevivência, como recorda o Fundador 2, que mora no local desde o seu nascimento, há 50 anos:

A comunicação entre os moradores acontecia em reuniões e em festas, mensalmente, mais no verão porque o inverno aqui é bem complicado. As pessoas só se reuniam neste tipo de festa, no rodeio, nos jogos de futebol. Para caso de urgência-urgentíssima tinha o sistema do fogo e o do espelho. Normalmente se tirava uma porta do roupeiro ou aqueles espelhos grandes de parede, e emitíamos reflexos. Já se recomendava às crianças e ninguém fazia esta brincadeira, porque aquilo ali poderia dar um falso aviso. Caso alguém precisasse, colocava o espelho para os vizinhos que ficavam entre 5 a 10 quilômetros de distância, iam

¹⁶ O termo “pirata” refere-se a rádios que não estão legalizadas no Brasil.

mandando o reflexo de uma casa à outra e aí todos sabiam que alguma necessidade estava acontecendo. Então, alguém pegava o cavalo e se deslocava para o local. Era um tipo de SOS, pedido de socorro. E à noite, se acontecia algum fogo que acendia e apagava, era sinal de urgência (FUNDADOR 2, 2013).

Assim, dos sinais de fumaça ou de fogo, dos reflexos de espelho às ondas radiofônicas, a *folkcomunicação* se fez (e se faz) presente na organização e na manutenção dessas comunidades rurais. Em um processo gradual, no decorrer dos anos, expandiram seu espaço de autonomia e cidadania, edificado hoje pela rádio Terra Livre FM. A emissora é vital a essas famílias, pois foi por meio desse meio de comunicação que se impuseram à sociedade local, adquirindo o merecido respeito como cidadãos do campo e do povo. Os relatos de cada entrevistado exibiram a paixão e o carinho que cuidam desse maior bem que possuem: microfones abertos para a própria realidade.

Nesse sentido, a *folkcomunicação* permanece firme na essência dos grupos rurais marginalizados e do movimento social, conforme atesta Beltrão:

É que a semente da informação germinou no espírito das analfabetas, semi-analfabetas e, de toda maneira, rudes e tardas gentes do povo. E, de repente, floresce como a rosa da opinião nas manifestações artísticas e folclóricas, ou frutifica – pomo de ação – nos movimentos insopitáveis de massa, que concretizam a vontade popular (BELTRÃO, 2001, p. 220).

No caso da Terra Livre FM, a rádio, quase como um “organismo vivo”, tornou-se a extensão dos lares de cada família: “a gente só não escuta quando não

está no ar. O dia que não se escuta a gente sente falta da rádio, parece que não está no assentamento!" (OUVINTE 2, 2013). A relação de dependência chega a ser umbilical, pois mais que uma ferramenta de diálogo, a emissora simboliza a evolução político, cultural, econômica e social de centenas de agricultores da reforma agrária.

Verifica-se, ainda, que a partir da livre expressão de suas ideias e do intercâmbio de informações em um canal próprio, os assentados recuperaram o orgulho ferido pelo desprezo, preconceito e desconhecimento daqueles cuja causa da reforma agrária não é familiar. Logo, a possibilidade de interação com o mundo elevou a autoestima dessa população isolada, em muito, pela sua condição territorial. O atraso tecnológico visível no campo instiga a adoção de posturas enérgicas de autoafirmação e de resistência, como as que se averiguaram entre os assentados de Hulha Negra.

Assim, a *folkcomunicação* propicia não apenas tornar comum essas vozes emudecidas da zona rural, como também legitima suas ações, suas opiniões e seu pensar. Os laços "se apertam" pelas ondas do rádio, fortalecendo a comunhão e o sentimento de pertença entre os grupos marginalizados. O meio de comunicação, então, reverte-se em uma importante "arma democrática" de empoderamento dessas comunidades, uma vez que preserva sua cultura camponesa ao mesmo tempo em que garante o exercício real da cidadania.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: Teoria e metodologia, São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.

_____. **Folkcomunicação**: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias, Porto Alegre:

EDIPUCRS, 2001.

_____. QUIRINO. Newton de Oliveira. **Subsídios para uma teoria de comunicação de massa**, São Paulo: Summus, 1986.

_____. **Folkcomunicação**: A comunicação dos marginalizados, São Paulo: Cortez, 1980.

BERGER, Christa. **Campos em confronto**: A terra e o texto, Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1998.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **Além dos meios e mensagens**. Introdução à Comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência, 9. ed., Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **O que é comunicação rural**, 3. ed., São Paulo: Brasiliense, 1988 (Coleção Primeiros Passos).

COGO, Denise Maria. **No ar... uma rádio comunitária**, São Paulo: Paulinas, 1998 (Coleção: Comunicação e estudos).

COORDENADOR 1. **Depoimento de integrante da atual coordenação da Rádio Terra Livre FM, que vive no assentamento Meia Água/ Unidos Venceremos II** [23 out., 2013]. Entrevistadora: Keila Mara dos Reis. Hulha Negra, 2013.

COORDENADOR 2. **Depoimento de integrante da atual coordenação da Rádio Terra Livre FM, que também mora assentamento Meia Água/Unidos Venceremos II** [15 out., 2013]. Entrevistadora: Keila Mara dos Reis, Porto Alegre, 2013.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Trad. Rosiska Darcy de Oliveira, 15. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FUNDADOR 1. **Depoimento de integrante do primeiro grupo de formação da Rádio Terra Livre FM, que vive no assentamento Santa Elmira** [23 out., 2013]. Entrevistadora: Keila Mara dos Reis. Hulha Negra, 2013.

FUNDADOR 2. **Depoimento de integrante do primeiro grupo de formação da Rádio Terra Livre FM, que vive no assentamento Santa**

Elmira [23 out., 2013]. Entrevistadora: Keila Mara dos Reis. Hulha Negra, 2013.

HOHLFELDT, Antonio. Novas tendências nas pesquisas da folkcomunicação: pesquisas acadêmicas se aproximam dos estudos culturais. **PCLA Revista Científica Digital**. Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisas sobre Folkcomunicação, no âmbito da XXV Intercom, Salvador, 2002. Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista14/artigos%2014-1.htm>> Acesso em: 20 out., 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sinopse do Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=8>>. Acesso em: 20 out., 2016.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **Relação de Beneficiários**. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/index.php/reforma-agraria-2/projetos-e-programas-do-incra/relacao-de-beneficiarios-rb>> Acesso em: 20 out., 2016.

LOCUTOR 1. **Depoimento de um dos locutores da Rádio Terra Livre FM, que apresenta três programas na emissora. Assentado no projeto Conquista da Fronteira** [23 out., 2013]. Entrevistadora: Keila Mara dos Reis. Hulha Negra, 2013.

MELO, José Marques de. Introdução à Folkcomunicação: gênese, paradigmas e tendências. In: BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Teoria e metodologia**, São Bernardo do Campo: UESP, p. 11-24, 2004.

OUVINTE 1. **Depoimento de agricultor do assentamento Conquista da Fronteira** [15 out., 2013]. Entrevistadora: Keila Mara dos Reis, Porto Alegre, 2013.

OUVINTE 2. **Depoimento de agricultor do assentamento Conquista da Fronteira** [15 out., 2013]. Entrevistadora: Keila Mara dos Reis, Porto Alegre, 2013.

PERUZZO, Círcia M. Krohling. Rádio comunitária na Internet: empoderamento social das tecnologias. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 30, p. 115-125, quadrimestral, ago., 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/497/420>>. Acesso em: 20 out., 2016.

_____. Comunidades em tempo de redes. In: _____. COGO, Denise;

KAPLÚN, Gabriel. **Comunicação e movimentos populares: Quais redes?** Comunicación e movimientos populares: ¿ Cuales redes? São Leopoldo: Editora Unisinos, p. 275-298, 2002.

_____. **Comunicação nos movimentos populares:** A participação na construção da cidadania, Petrópolis: Vozes, 1998.

USUÁRIO. **Depoimento do membro de uma instituição** religiosa, a qual realiza **projetos comunitários entre os assentados** [23 out., 2013]. Entrevistadora: Keila Mara dos Reis. Hulha Negra, 2013.

BEATRIZ DORNELLES

Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Comunicação Social (Famecos), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pós-doutorado em Comunicação pela Universidade Fernando Pessoa (Porto/Portugal), Doutora e Mestre em Jornalismo pela USP. Editora da Revista Famecos/PUCRS.

E-mail: biacpd@puhrs.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0459773286137839>

KEILA MARA DOS REIS

Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/ PUCRS (2015). Especialista em Planejamento de Comunicação e em Gestão de Crises de Imagem pela Faculdade de Comunicação Social da PUCRS (2012). Técnica em Comunicação Social do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra/RS).

E-mail: keila.reis@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7077067052096284>